

Actas

VI

Encontro
da associação
portuguesa
de linguística
Porto 1990

ACTAS

do

6º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO

PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA

FICHA TÉCNICA

Título: Actas do 6º Encontro
da Associação Portuguesa de Linguística

Organização:
Direcção da Associação Portuguesa de Linguística

Impressão e encadernação:
Colibri – Artes Gráficas

Tiragem: 400 exemplares

Data: Setembro de 1991

Edição subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian

As consoantes R/r na cadeia silábica

0. Introdução

A vibrante uvular [R] e a vibrante múltipla dento-alveolar [r]¹ coexistem no Português Europeu com amplas possibilidades de comutação entre si, mas sem efeitos distintivos. Palavras como *rato* e *palrar*, por exemplo, registam-se foneticamente já seja em [Rátu] ou [rátu], [pałRár] ou [pałrár], sem que dessas pronúncias alternativas resultem alterações de significado.

O facto de [R] e de [r] não se disputarem exclusividade contextual desmereceu-lhes a classificação tradicional de alofones tendo a dento-alveolar sido legada para o plano das variantes regionais, enquanto que a uvular conquistou assento na matriz fonológica da língua.

Não se perspectivou, numa base trubetzkoyana, que [R] e [r], não sendo variantes contextuais de um mesmo fonema, também não são, propriamente, variantes regionais, embora a sua incidência varie geograficamente.

A uvular é opcional regional e individualmente, enquanto que a dento-alveolar é obrigatória em determinadas construções silábicas, independentemente da região ou do sujeito falante. Repare-se que, na palavra *palrar*, é possível escolher entre a uvular e a dento-alveolar - [pałRár] ou -[pałrár]. O mesmo não acontece na palavra *parlamento*, onde a dento-alveolar é exigida em detrimento da uvular - [pərləmẽ'tu] e não

¹ Utilizamos a classificação fonética que habitualmente é atribuída a estes sons.

*[pɐRlɐmẽ'tu]. O contexto não será propriamente o responsável por este comportamento fonológico já que, no par de palavras referido, os sons vizinhos a R/r são exactamente os mesmos, o que exclui a possibilidade de captar este processo numa regra fonológica.

Visto o problema numa perspectiva silábica, acreditamos que a formação interna das líquidas e das vibrantes em termos de elementos e do seu “charm” pode justificar os padrões de combinação que estes sons exibem.

Neste trabalho, iremos demonstrar que existe uma justificação silábica para a distribuição destes dois sons que transcende, nalguns casos, as opções dos falantes.

1. Representações silábicas com a consoante alveolar simples [l]

Iremos partir da análise da consoante simples [l] e das suas combinações silábicas com outros sons na cadeia fónica para procurarmos entender a razão por que este som não se realiza em determinadas situações silábicas que, por seu lado, recebem R/r. Silabicamente, [l] comporta-se do seguinte modo:

A. Liga-se a um ataque por um ponto esqueletal, entre dois núcleos. São exemplos as palavras *caro* e *amar*, cuja representação silábica se apresenta em (1.a) e (1.b).

(1) a.

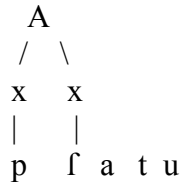
A	N	A	N
x	x	x	x
k	a	f	u

(1) b.

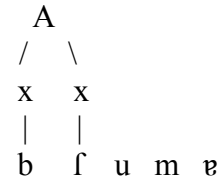
N	A	N	A	N
x	x	x	x	x
ɐ	m	a	f	

B. Entra na formação de ataques ramificados, na posição de complemento como, por exemplo, nas palavras *prato* e *bruma*, representadas em (2.a) e (2.b).

(2) a.

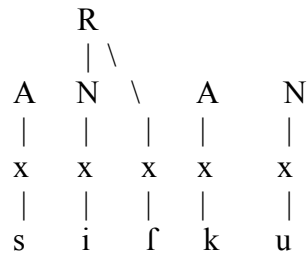


(2) b.

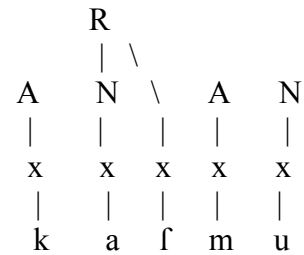


C. Ocorre também na composição das rimas, na posição de coda, como nas palavras *circo* e *carmo*, representadas em (3.a) e (3.b).

(3) a.



(3) b.



D. A consoante [f] não se realiza no princípio de palavra.

A posição silábica no início de palavra é a de um ataque simples que não está precedido de núcleo. Nestas condições, [f] não se realiza.

(4)

Rato [Rátu] / [rátú] *[fátu]

Réu [Rɛ'ú] / [rɛ'ú] *[fɛ'ú]

Rifa [Rífɐ] / [ríf ɐ] *[ífɐ]

Nesta posição, ouve-se ou a vibrante alveolar múltipla [r] ou a uvular [R].

E. [f] não ocorre numa posição contígua a uma consoante neutra com a qual tenha que partilhar o ponto de articulação.

1. Não se realiza à direita das neutras **l**º e **n**º, como se pode ver nos exemplos seguintes:

(5) a.

abalro [ɐbátʀu] / [ɐbátʀu] *[ɐbátʃu]

chilro	[ʃíʔRu] / [ʃíʔ ru]	*[ʃíʔfu]
melro	[mɛʔʔRu] / [mɛʔʔru]	*[mɛʔʔfu]
palrar	[paʔRár] / [paʔrár]	*[paʔfár]
b.		
enrolar	[ẽRuʔár] / [ẽruʔár]	*[ẽfulár]
enredo	[ẽRẽdu] / [ẽrédu]	*[ẽfẽdu]
honra	[õRø] / [õrø]	*[õfø]
tenro	[tẽRu] / [tẽru]	*[tẽfu]

2. [ʔ] não se realiza nem à esquerda de **l**º nem à esquerda de **n**º, o mesmo acontecendo ao som [R].

(6)a.

Carlos	[Kárluʔ]	*[KáRluʔ]	*[Káʔluʔ]
orla	[õʔrlø]	*[õʔRlø]	*[õʔʔlø]
parlamento	[pørlømẽʔtu]	*[pøRlømẽʔtu]	*[pøʔlømẽʔtu]

b.

carne	[Kárni]	*[KáRni]	*[Káʔni]
lanterna	[lẽʔtɛʔrnø]	*[lẽʔtɛʔRnø]	*[lẽʔtɛʔʔnø]
maternal	[møʔtirnáʔ]	*[møʔtiRnáʔ]	*[møʔtiʔnáʔ]
turno	[túrnu]	*[túRnu]	*[túʔnu]

A análise dos dados anteriores mostra que o som [ʔ] só aparece isolado no ataque quando se encontra numa posição inter-nuclear. A justificação para este comportamento pode estar na natureza da consoante que, para além de ser neutra, é fraca em termos de composição interna de elementos - [ʔ] = Rº. Assim, a Língua impede o seu surgimento numa posição forte, como seja o início de palavra, ou quando lhe é exigido que desempenhe o papel de regente para com outro som.

Segundo (Kaye, 1988), um som ou rege ou é regido. Na posição de regido, é fácil encontrar a consoante [ʔ]. Encontramo-la na posição de complemento, nos ataques ramificados, e na posição de coda, na rima.

Daqui se depreende a impossibilidade de [ʀ] entrar em posições silábicas em que tenha de desempenhar um papel de regente e justifica-se, ao mesmo tempo, que um som mais forte ocupe essas mesmas posições. Passemos, agora, à explicação silábica deste fenómeno.

2. Representação silábica dos sons /R/ e /r/

2.1. /R/ ou /r/ no início de palavra e em posição inter-nuclear

Tanto no início de palavra como em posição inter-nuclear, ambas as consoantes /R/ ou /r/ podem surgir. Silabicamente, as palavras *rato* e *carro* têm a representação seguinte:

(7)

A	N	A	N
x	x	x	x
R/r	a	t	u

(8)

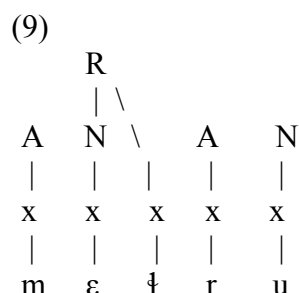
A	N	A	N
x	x	x	x
k	a	R/ r	u

2.2. /R/ ou /r/ à direita de consoante neutra

Observamos que a vibrante simples [ʀ] não se realiza à direita das consoantes neutras **l**º e **n**º. Neste contexto, observa-se ou a alveolar com vibrações múltiplas - [r] ou, em alternativa, a uvular [R]. Iremos procurar saber as razões do comportamento destes sons, assim como as estruturas silábicas que lhes correspondem. Para isso, observem-se novamente os exemplos de (5.a) e (5.b).

Nestes exemplos, existe uma consoante neutra à esquerda de R/r – **l**º nos exemplos de (5.a) e **n**º nos exemplos de (5.b). A interdição de sequências de segmentos com “charm” neutro, com igual ponto de articulação, deve-se à impossibilidade de se

estabelecerem relações de regência entre elas. Veja-se o exemplo de (9):



O encontro da consoante **l**^o com a consoante **f**^o daria como resultado uma estrutura silábica sem possibilidade de regência inter-constituente entre os segmentos, já que **f**^o, pelo seu “charm” e pela sua formação interna de elementos, não tem a possibilidade de reger **l**^o. Nesta situação, só uma consoante mais forte poderá governar a estrutura, pela sua complexidade. Daí que surja neste ponto um segmento mais complexo, capaz de dominar a consoante que fica à sua esquerda e de governá-la numa regência inter-constituente, apesar do seu “charm” ser igualmente neutro. A regência neste caso estabelece-se pela complexidade dos segmentos (cf. Kaye, 1988:13).

Como resultado, vemos que uma sequência **l f** não existe em português, da mesma forma que **n f** também não existe, já que estes sons se repelem devido ao seu “charm”. À direita de **l**^o ou **n**^o ouve-se uma consoante mais complexa - [R] ou [r].

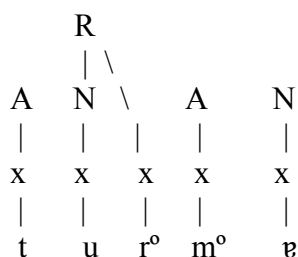
2.3. [r] à esquerda de consoante neutra

Tal como acontecia à direita das consoantes neutras, à sua esquerda a vibrante simples [f] não ocorre. Mas, ao contrário do que observámos relativamente à possibilidade de comutar [r] com [R] nos contextos anteriores, à esquerda das consoantes neutras tal não acontece, registando-se apenas a consoante [r].

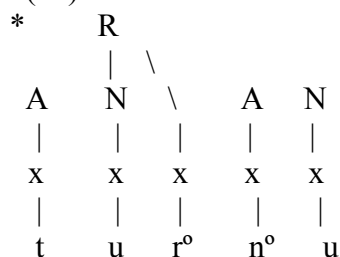
Comparem-se os pares de palavras seguintes: *turma* [túfmə] / *turno* [túrnu]; *termo* [téfmu] / *terno* [te' rnu].

Enquanto que nas palavras *turma* e *termo* se pronuncia uma alveolar simples, [l], em *turno* e *terno*, o [r] tem vibrações múltiplas. Iremos procurar explicar a razão para este fenómeno, começando por analisar as representações silábicas das palavras *turma* e *turno*.

(10)



(11)



No exemplo de (10), [r] une-se à rima e é governado tanto pela vogal desta como pela consoante do ataque à sua direita. E, embora as consoantes sejam ambas neutras, a regência obtém-se pela complexidade dos segmentos, visto que [m] é mais complexo que [n]. Assim sendo, a mesma explicação deveria aplicar-se aos sons [r] [n] nas mesmas condições. Contudo, não é isso que observamos.

Pensamos que o problema, neste último caso, tenha a ver com a constituição interna das consoantes em causa. Quando dois segmentos neutros não podem partilhar o mesmo ponto de articulação, repelem-se para evitar os efeitos de OCP². É possível, portanto, que as consoantes [r] e [n] procurem afastar-se por essa razão.

Esta nossa hipótese fortalece-se quando estudamos o comportamento de outro par de sons neutros – l^o e n^o. O n^o é a versão nasal de l^o, por assim dizer, visto que as suas

² OCP é a forma abreviada de “Obligatory Contour Principle”, proposto por Leben (1973).

composições internas são idênticas, à excepção do elemento N+ (nasal), que entra na formação de **n°**. Essa razão é suficientemente forte para que estes sons não surjam em posições contíguas.

A impossibilidade de encontro de **n°** e **l°** ou de **n°** e **r°** fica bem patente na prefixação com *in-*, em palavras começadas por [l] e por [R]/[r]. Netas palavras, o prefixo toma a forma [i] e não [ĩ]. Julgamos que o facto de existir junto à vogal a consoante nasal, desencadeie os efeitos OCP e impeça a realização da nasal. É o caso, por exemplo, nas palavras:

ilegal, ilegítimo, ilimitado

irresistível, irremediável, irreparável

3. A vibrante múltipla [r] à esquerda de l° e de n°

A impossibilidade de realização de [R] à esquerda de [l] e de [n] prende-se não propriamente com razões de regência, visto que a consoante neste ponto não tem qualquer papel de regência para com o som à sua esquerda, mas sim com razões de natureza silábica. Estudámos a razão por que [l] não se realiza nesta posição; resta-nos saber porque é que [R] também fica interdito neste ponto.

Podemos colocar duas hipóteses quanto à representação lexical das palavras que, como *turno* aceitam [r] e não [R] antes de [n]:

1 – a de que exista um núcleo vazio entre [l] e [n];

2 – a de que [l] se prenda à rima.

Testaremos, primeiramente a hipótese número (1.). Veja-se, para isso, a representação lexical da palavra *turno* em (12).

(12)

A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x
t	u	r	Ø	n	u

Esta configuração silábica é semelhante à da palavra *terrenal*, em que a consoante aparece entre dois núcleos.

(13)

A	N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x	x
t	i	R/r	Ø	n	a	ɫ	

Porém, a palavra *terrenal* pode ser pronunciada quer seja com o som [r], quer seja com o som [R]. De ser esta a representação silábica de *turno*, a mesma opção fonética deveria existir para esta palavra. Como esse não é o caso, somos levados a crer que o [r] de *turno* não se encontre ligado a uma posição de ataque. Mas, antes de abandonarmos esta hipótese, podemos ainda efectuar um outro teste com palavras que tenham um núcleo vazio à direita de **rn** e de **rl**, como nas palavras *tornejar* e *arlequim*. Veja-se esquematicamente a representação silábica da palavra *tornejar*, com dois núcleos vazios, em (14).

(14)

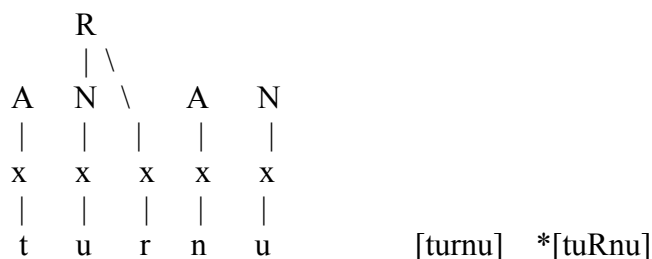
* A	N	A	N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
t	u	R/r	Ø	n	Ø	ʒ	a	r	

Uma vez que existe um núcleo vazio à direita de **rn**, e que o mesmo se encontra sem valor fonético, o ECP impede-o de reger o núcleo à sua esquerda, o que gera uma estrutura inválida como a anterior. Por consequência, se existisse um núcleo vazio entre

r-n, este teria que ser pronunciado pelo facto do núcleo à sua direita não o poder reger. Por outro lado, no caso de existir um núcleo vazio entre **r-n**, o som [r] poderia realizar-se, como se pode depreender das pronúncias das palavras *perenal* vs. *pernalta*.

Resta-nos adoptar a segunda hipótese, que consiste em unir a consoante [r] à rima.

(15)



Observámos que [R], no Português Europeu, se liga somente a posições de ataque. Pensamos que o facto de não existirem estas condições silábicas à esquerda das neutras **nº** e **lº** justifique a impossibilidade de comutação da uvular com a dento-alveolar, neste ponto.

CONCLUSÃO

Iniciámos este trabalho perguntando-nos a razão pela qual a uvular [R] comuta com a dento-alveolar [r] em todos os contextos excepto quando está seguida de consoante neutra. Concluímos que existem razões de ordem silábica e razões que se prendem com a constituição interna dos segmentos que podem justificar este comportamento dos sons.

REFERÊNCIAS

- Kaye, J., J. Lowenstamm e J.-R. Vergnaud (1988). "Constituent structure and government in phonology". Ms. London: SOAS.
- Leben, W. (1973). *Suprasegmental Phonology*. Doctoral Dissertation, MIT, Cambridge, Mass.